



## **Produção de alimentos e a promoção da paz quilombola de Beatriz Nascimento**

*Food production and the promotion of peace quilombola de Beatriz Nascimento*

CASTRO, Franciléia Paula<sup>1</sup>; SILVA, Laura Ferreira<sup>2</sup>

<sup>1</sup> CPDA/UFRRJ, franpaula.quilombola@gmail.com; <sup>2</sup> CONAQ, laurasuperatudo@gmail.com

### **RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO**

#### **Eixo Temático: Ancestralidade, Terra e Território**

**Resumo:** Este resumo apresenta resultados preliminares da pesquisa sobre o papel da produção de alimentos na constituição dos quilombos em Mato Grosso, Brasil. O quilombo entendido como um assentamento social, uma nova ordem contra hegemônica ao sistema escravista e ao sistema capitalista vigente que concentra terras, gera latifúndios e desigualdades sociais entre elas, a fome. Identifica-se como pilares centrais da estrutura quilombola a produção de alimentos saudáveis, o manejo da biodiversidade e a proteção do território, eixos fundamentais na promoção da *paz quilombola*, conceito abordado por Beatriz Nascimento em 1976. Por meio da caracterização da produção de alimentos em comunidades quilombolas na baixada pantaneira em Mato Grosso, observa-se que as práticas de produção de alimentos são estratégicas para a manutenção da estrutura social do quilombo, diante de inúmeros conflitos territoriais, racismo ambiental e fundiário a que as comunidades estão submetidas na atualidade.

**Palavras-chave:** quilombos; alimentação saudável; agricultura; agroecologia.

#### **Introdução**

A visão distorcida sobre a constituição dos quilombos no Brasil há muito tempo está meramente associada a espaços que surgiram a partir da fuga da escravidão, ou descritos como tentativas frustradas dos negros pela tomada do poder. Reduzindo assim a constituição do quilombo a uma ação desordenada na busca por liberdade.

Beatriz Nascimento (1942 – 1995) em seus escritos e sua trajetória de luta enquanto quilombola e intelectual, olha e descreve os quilombos como um assentamento social, uma nova ordem contra hegemônica à estrutura escravocrata do período colonial. Ou seja, o quilombo como parte de um processo insurgente no Brasil está muito além da fuga.

No Brasil essas comunidades de ex-cativos foram designadas de quilombos, mocambos e outras denominações. Nos mais de 300 anos que vigorou o sistema escravista no Brasil, o quilombo constituiu um enclave, uma das principais alternativas na negação da produção escravista (FIABANI, 2012 p 23).

Torna-se assim, evidente a necessidade de analisarmos a fundo as estratégias sociais e políticas embutidas na constituição dos quilombos do século XVI, e ainda



presente nas mais de 5.972 comunidades remanescentes de quilombos existentes no Brasil (CONAQ,2022).

A escritora Beatriz Nascimento, descreve que os quilombos possibilitaram a *paz quilombola*, sendo o momento de caráter produtivo que o quilombo assume como núcleo de homens livres, embora potencialmente passíveis da escravidão.

Esta paz está justamente nos interstícios da organização quilombola e sobre ela requer-se um esforço de interpretação maior, pela qual se ultrapassa a visão do quilombo como a história dos ataques da repressão oficial contra uma outra organização, que talvez na paz quilombola ameaçasse mais o regime escravocrata do que a guerra (NASCIMENTO, 2018, p.16).

Ao observarmos o histórico do Quilombo do Quariterê em Mato Grosso no século XVIII, nota-se que eram diversas as estratégias de auto-organização dessa estrutura social, diante das violências e ameaças do sistema escravocrata. Uma dessas principais estratégias era a organização para a produção de alimentos. O papel da Produção de Alimentos na manutenção da paz quilombola, se tornava uma estratégia fundamental, tanto para o consumo interno quanto para a produção de economias.

O Quilombo do Quariterê coordenado por Tereza de Benguela abrigou mais de 100 pessoas entre índios e negros, localizado em um território de difícil acesso no Pantanal, foi o ambiente perfeito para que ela coordenasse um forte aparato de defesa e articular um parlamento para decidir em grupo as ações da comunidade.

Tereza de Benguela comandou a estrutura política, econômica e administrativa do quilombo, mantendo um sistema de defesa com armas trocadas por alimentos. Viviam do cultivo de algodão, milho, feijão, mandioca, banana, e da venda dos excedentes produzidos.

Conhecer o território, produzir alimentos, conservar as florestas eram medidas de sobrevivência e proteção, considerando as perseguições que se intensificavam com as fugas (CASTRO, et. al, 2021. p.44). A autora vai descrever como os efeitos da colonização e escravização no Brasil, seguiu ameaçando a paz quilombola no pós abolição, principalmente através dos mecanismos racistas adotados pelo Estado Brasileiro de ameaça aos quilombos enquanto estrutura social.

A produção de alimentos nesses territórios, em sua maioria se baseiam na cultura alimentar de uma diversidade de povos, no manejo ecológico da terra e na conservação da biodiversidade. E foi a ciência produzida por esses povos que permitiu a sua sobrevivência ao longo da história. Porém existe uma narrativa racista de rotular tudo que se produz nos territórios negros e indígenas como obsoleto e sem valor. Uma estratégia do capital agrário de diminuir a importância desses modos de vida e sua organização social (CASTRO, 2021, s/p).



Diante disso, se torna fundamental compreender como se caracteriza e está organizada a produção de alimentos em comunidades quilombolas no Estado de Mato Grosso, especificamente na região que compreende a baixada pantaneira e onde está a maior concentração de comunidades remanescentes de quilombos do Estado. Região onde são intensos os conflitos por terra com fazendeiros e impactos socioambientais.

E assim, é importante aprofundar as reflexões de Beatriz Nascimento sobre a manutenção e as ameaças à paz quilombola nestes territórios, a partir da produção de alimentos.

### **Metodologia**

A pesquisa está sendo realizada pelo coletivo de pesquisadores/as do Instituto Baquitê Quilombola - IBQ, grupo composto por uma equipe interdisciplinar de mulheres quilombolas que atuam nos territórios da baixada pantaneira em Mato Grosso e que compreende os municípios de Poconé, Nossa Senhora do Livramento e Cáceres. O levantamento de dados e caracterização dos sistemas alimentares quilombolas vem ocorrendo desde 2018 até a presente data.

Este resumo apresenta resultados preliminares sobre a caracterização dos sistemas alimentares quilombolas de 02 comunidades quilombolas dos municípios de Poconé e Nossa Senhora do Livramento, sendo Quilombo Morrinho e Ribeirão da Mutuca respectivamente.

A metodologia adotada foi pesquisa documental e pesquisa participativa. Contando com levantamento de dados historiográficos sobre a formação dos quilombos em Mato Grosso, e oficinas coletivas e participativas nas comunidades com instrumento de DRP – Diagnóstico rápido participativo para descrição dos sistemas agrícolas alimentares, construção de linha do tempo de ocupação do território, e ainda identificação in loco dos roçados com caminhadas transversais nos territórios.

### **Resultados e Discussão**

A metodologia utilizada na pesquisa possibilitou a participação da comunidade na identificação das principais características de seus sistemas de produção de alimentos, sua importância para a permanência das famílias no território, bem como a importância dos roçados diversificados para a garantia da soberania e segurança alimentar em contextos de aumento das desigualdades sociais no país, omissão do Estado junto aos territórios quilombolas ainda não titulados e volta à fome.

Durante as oficinas foram identificadas a importância da produção de alimentos de forma coletiva através dos chamados Muxiruns quilombolas que permitem a união de grupos de famílias para o trabalho agrícola e em áreas coletivas de produção de



alimentos, otimizando o trabalho e mantendo o grupo unido, atividades características da estrutura social quilombola.

Muxirum é considerado um formato de organização do trabalho, mas que está associado à utilização de técnicas e práticas agroecológicas de manejo da biodiversidade para a produção de alimentos, práticas que são dinâmicas no tempo e foram sendo adaptadas e aprimoradas frente às mudanças ecológicas e sociais do território, podemos citar o fluxo genético mantido nas trocas de sementes e animais que fazem com que essas comunidades sejam mantenedoras de um banco de germoplasma de variedades crioulas únicas na região.

Ao construir a linha do tempo da ocupação do território pelas famílias quilombolas foi possível identificar os principais conflitos vivenciados pelo acesso à terra e territórios, mas também que estão ligados diretamente às ameaças à produção de alimentos das comunidades.

No quilombo Ribeirão da Mutuca as famílias relatam que até pouco tempo atrás as roças de alimentos eram destruídas pelos fazendeiros, com o objetivo de forçar as famílias a abandonarem o território ou se submetem à fome e ao trabalho escravo contemporâneo. A comunidade relatou que para cada pé de banana destruído, as famílias se reuniam e plantavam mais. Assim, mantiveram como eixo central a produção de alimentos, sobretudo como resistência a um sistema de opressão e violência contra o quilombo.

Ao contrário, o quilombo Morrinho se encontra até os dias atuais totalmente cercado por cercas e porteiras das fazendas de gado e da Mineração de ouro no Rio Cuiabá e Bento Gomes. A contaminação do rio por mercúrio impossibilita a pesca e alimentação das famílias, a perda da biodiversidade é acelerada e dá lugar às intensas áreas de pastagens das fazendas. Fatores que têm impossibilitado a produção de alimentos nos poucos roçados que ainda restam na comunidade.

O quilombo Morrinho apresenta elevado índice de insegurança alimentar e um êxodo de jovens e homens para o trabalho escravo contemporâneo nas mineradoras e nas fazendas da região.

Contudo, nas caminhadas transversais nos dois territórios foi observado um conjunto de técnicas de produção de alimentos. O manejo é de forma agroecológica e ancorado em conhecimentos sobre o bioma e o manejo da biodiversidade local que são herdados de geração a geração, mas que são constantemente adaptados e que possibilitam, mesmo com os desafios, sistemas alimentares produtivos ao longo do tempo no mesmo território de seus antepassados.



## Conclusões

Muitas comunidades quilombolas de Mato Grosso, mantêm a produção de alimentos na centralidade da estrutura organizativa do quilombo, como garantia de alimentação, mas também como mecanismo de defesa frente aos conflitos e violências contra os quilombos e que impedem a paz quilombola na atualidade.

Não considerar as engenhosidades agrícolas construídas em meio a tantas adversidades que foram e são submetidos os quilombos, reduzindo suas práticas a formas isoladas e subestimadas, é não reconhecer as potencialidades e a ciência produzida e reproduzida há séculos nestes territórios para a produção de alimentos.

Contudo, o avanço do agronegócio na região ameaça à paz quilombola, com desmatamentos contínuos, queimadas, uso intensivo de agrotóxicos (até como arma química são despejados sobre os quilombos) e sementes transgênicas, colocam em risco a saúde e vida nos quilombos.

## Agradecimentos

À CONAQ – Coordenação Nacional das Comunidades Negras Rurais quilombolas de Mato Grosso pelo apoio e abertura ao desenvolvimento de pesquisas e levantamentos de dados sobre agricultura quilombola no Brasil e no Estado de Mato Grosso

## Referências bibliográficas

CASTRO, Fran Paula. Racismo e Sistemas Alimentares. Agriculturas e Ancestralidades. Publicado em 2021. Acesso em: 16. Jul. 2023.. Disponível em: <https://www.ancestralidades.com/post/racismo-e-sistemas-alimentares>

CASTRO, Franciléia P; SILVA, Laura F. Territórios Quilombolas: Séculos de luta por Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional. Revista Proposta nº 130. FASE, 2021 43 – 47p. Disponível em: <https://fase.org.br/wp-content/uploads/2021/11/Proposta-130-ELETRONICA.pdf>

CONAQ. Os quilombolas que o Brasil insiste em ignorar. Publicado em Julho de 2022. Acesso em: 15 jul. 2023. Disponível em: <https://conaq.org.br/noticias/os-quilombolas-que-o-brasil-insiste-em-ignorar/>

FIABANI, A. Mato, Palhoça e Pilão: O quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes (1532 -2004). 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012. 432.p

NASCIMENTO, Beatriz. Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018. 1ª edição 488 p.